

VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA E BARREIRAS COMUNICACIONAIS VIVENCIADAS POR MULHERES SURDAS: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Júlia Ketylin da Silva Moura¹; Kássia Taylanne da Silva²; Estefany Mendes de Araújo³; Malena Gomes dos Santos Silva⁴; Mariana Évellyn da Cruz Oliveira⁵ e José Flávio de Lima Castro⁶.

Universidade Federal de Pernambuco Centro Acadêmico da Vitória, Vitória e Santo Antônio,
PE, Brasil

julia.smoura@ufpe.br

INTRODUÇÃO: violência obstétrica (VO) é qualquer ato que cause dano à integridade física e/ou psicológica da mulher durante a gestação, a perda gestacional, o parto e o puerpério, abrangendo violência física, verbal, psicológica, negligência e procedimentos não consentidos. Para mulheres surdas, a VO assume dimensão ainda mais grave, pois as barreiras comunicacionais presentes nos serviços obstétricos criam condições que favorecem sua ocorrência. Sem acesso à informação em sua língua e pelo capacitismo no sistema de saúde, a mulher surda torna-se submissa a condutas que não compreende, favorecendo a expropriação do seu corpo e a privação da sua autonomia. O enfermeiro obstetra, profissional com maior tempo de contato com a parturiente, ocupa posição estratégica tanto na perpetuação quanto na prevenção desse cenário. **OBJETIVO:** identificar as violências obstétricas em mulheres surdas, verificando as barreiras comunicacionais entre o enfermeiro e a paciente. **MÉTODO:** revisão integrativa da literatura, realizada nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), Public/Publisher MEDLINE (PubMed) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando os descritores “Violência obstétrica”, “Pessoas com deficiência auditiva”, “Libras” e “Enfermagem” em português e inglês. Foram selecionados artigos entre 2018-2025 em inglês e português que abordaram a temática em estudo e após a análise foram selecionadas 7 publicações. **RESULTADOS:** as violências mais recorrentes identificadas pelos estudos foram: realização de procedimentos sem consentimento informado, restrição do acompanhante, limitação da liberdade de posição e movimento durante o trabalho de parto e privação de informações acerca dos procedimentos realizados. Além disso, foi identificada elevada taxa de cesarianas entre mulheres surdas (73%) em um estudo nacional. Um estudo internacional descreveu situações extremas de violência obstétrica capacitista, incluindo esterilizações forçadas sem o conhecimento das

pacientes. Quanto às barreiras comunicacionais, os estudos evidenciaram: ausência total de profissionais fluentes em Libras na sala de parto; inexistência de intérprete profissional durante a assistência obstétrica; utilização do acompanhante como interlocutor, comprometendo a privacidade e a autonomia da mulher; uso de máscaras pelos profissionais, dificultando a leitura orofacial; e adoção de estratégias comunicacionais ineficazes, como gestos e mímicas. A ausência de comunicação adequada desencadeou sentimentos de medo, angústia e invisibilidade, comprometendo o bem-estar emocional e a participação ativa da mulher no processo parturitivo. Adicionalmente, estudo realizado em Recife, com participação de profissionais de enfermagem correspondente a 51% da amostra, identificou que 90% dos participantes não possuíam conhecimento em Libras e 75% reconheceram a existência de barreiras comunicacionais na assistência às gestantes surdas, evidenciando fragilidades na formação acadêmica em saúde, especialmente pela não inclusão da Libras como disciplina obrigatória nos currículos da área da saúde. **CONCLUSÃO:** a violência obstétrica em mulheres surdas é amplificada pela ausência de comunicação acessível, configurando uma dupla violação de direitos: reprodutivos e de acessibilidade. A barreira comunicacional não é apenas uma limitação técnica, é um mecanismo de violência que retira o direito da mulher surda de ser protagonista do seu próprio parto. São urgentes a capacitação profissional em Libras pelas instituições de saúde, a inserção obrigatória da temática no currículo de enfermagem e a implementação de protocolos de cuidado inclusivos.

Palavra-chave: Violência obstétrica; Pessoa com deficiência auditiva; Libras; Barreiras de comunicação; Enfermagem obstétrica.